

**DE ARREPIAR: A FICCIONALIZAÇÃO DO MEDO NAS NARRATIVAS  
INDÍGENAS “HISTÓRIA DE KĀWÉRA” E “HISTÓRIA DE MAPINGUARY”,  
DE YAGUARÊ YAMÃ**

Francisco Bezerra dos Santos (UEA/PROGEX)  
francisco.santos362@gmail.com

**RESUMO:** A literatura indígena produzida no Amazonas traz em seu *corpus* as representações fantásticas pintadas pelo fabuloso que é a Amazônia, com seus seres sobrenaturais e mistérios que desafiam a razão. É também nesta literatura que os indígenas simulam seus medos e perigos a partir de seres insólitos como o Kāwéra e o Mapinguary, demônios assustadores que permeiam o imaginário indígena. Acredita-se que a utilização do medo na representação de seres fantásticos nessas narrativas passa a ser um recurso utilizado pelo escritor Yaguarê Yamã como forma de refletir a emoção estética produzida pela criação literária, que mediante a recepção do leitor, o mesmo experimenta sensações de perigo e terror sem que esteja realmente sujeitos a eles, isto é, quando a fonte de medo representa um risco real a quem experimenta, entrando assim no campo das emoções estéticas. A partir desse pressuposto a presente investigação pretende tecer considerações sobre como o medo se manifesta e como conduz a caracterização e a ação das personagens nas narrativas “História de Kāwéra” e “História de Mapinguary” do livro *Contos da floresta*, da etnia Maraguá, povo conhecido por histórias de assombrações temperadas com uma boa dose de suspense e magia, apresentando também um fundo pedagógico ao abordar esses seres sobre-humanos como protetores da floresta que castigam os que não a respeitam. Para a referida pesquisa utilizar-se-á como instrumento metodológico a pesquisa bibliográfica dialogando com diferentes estudiosos acerca da temática em questão como: Felipe Furtado, Howard Phillips Lovecraft e outros que contribuirão para a concretização deste trabalho.

**PALAVRAS-CHAVE:** Medo; Narrativas indígenas; Yaguarê Yamã; Amazonas.

### CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura infantojuvenil indígena produzida no Amazonas é uma arte que traz à tona diversos elementos entre eles o medo, esse elemento que vem instigar o imaginário do leitor. Várias são as representações que permeiam as narrativas indígenas. Por meio do imaginário o leitor presencia muitas sensações, inclusive o temor. Mediante isso, este trabalho visa analisar as narrativas “História de Kawéra” e “História de Mapinguary” sob a perspectiva do medo, as quais fazem parte do livro *Contos da floresta* do escritor indígena Yaguarê Yamã. Nessas narrativas podemos encontrar a influência do maravilhoso que se utiliza do medo como instrumento causador de diversas sensações.

Em grande parte de suas obras, Yaguarê Yamã oferece ao leitor por meio da linguagem, dos símbolos, das personagens a chance de vivenciar várias experiências. Essas experiências são discutidas em seus textos através de uma linguagem altamente simbólica capaz de envolver o leitor. A presença do medo nas narrativas que aqui serão

analisadas são constantes, uma vez que os personagens principais são demônios “devoradores de gente” que fazem parte do imaginário indígena, tendo uma função existencial, proteger a natureza contra os maiores seus predadores.

Para a concretização desta pesquisa, cotaremos com estudiosos acerca da temática do medo. Primeiramente far-se-á um breve esclarecimento sobre o medo na literatura para uma melhor compressão do assunto, e em seguida analisar-se-á as narrativas “História de Kawéra” e “História de Mapinguary”.

## MEDO E LITERATURA OU “LITERATURA DO MEDO”

A “literatura do medo” é um subgênero que tem por objetivo produzir emoções estéticas do medo artístico através de narrativas de ficção. Infelizmente no Brasil, ainda não há um cânone, nem uma julgamento adequado sobre o assunto, porém, mediante isso, existem obras que se encaixam neste tipo de literatura e que podem ser abrangidas levando em consideração esse aspecto.

As narrativas selecionadas para este trabalho tem a fulgente finalidade de causar, por intermédio dos artifícios, a emoção que advém do medo em seus receptores. A utilização do medo na literatura vem desde os tempos ancestrais, através das lendas, dos mitos e rituais, e na literatura indígena produzida no Amazonas não é diferente, o autor dessas narrativas utiliza-se dos costumes do seu povo, das crenças, dos mitos e das lendas para incorporar o medo e o horror como instrumento de conscientização sobre os perigos e mistérios da floresta. É importante enfatizar que essas narrativas antes de serem registradas eram contadas pelos mais velhos, e compõe assim as narrativas orais da etnia Maraguá.

É somente a partir da literatura gótica do séc. XVIII que essas narrativas ganham reconhecimento. Este gênero literário traz imagens associadas a um passado mediévico e a noções sobrenaturais que não só chocam e impressionam o leitor como até são capazes de atemorizar. É também nesta literatura que há um amplo ambiente para que se discuta os temas mais sórdidos vigentes em nossa sociedade e que, comumente, são deixados à parte. O medo como qualquer outro tipo de sentimento faz parte da alma humana, muitas vezes permanecendo oculto, mais que repentinamente se manifesta.

A “literatura do medo” de acordo Lovecraft (1978), é com Edgar Allan Poe que se constitui um novo direcionamento para esta literatura. Lovecraft acrescenta que “seu tipo de visão pode ter tido precursores, mas foi ele o primeiro a dar-se conta das suas possibilidades e de dar-lhes forma suprema e expressão sistemática” (LOVECRAFT,

1978, p. 47). A partir do exposto podemos perceber que a temática do medo vem ganhando espaço nas narrativas contemporâneas, assim podemos considerar que a literatura de Yaguarê Yamã, apresenta diversas características desta literatura, já que o autor valer-se do misticismo e das simbologias presentes no imaginário indígena para compor o pano de fundo de suas “belas histórias aterrorizantes”.

#### “HISTÓRIA DE KĀWÉRA”

A narrativa “A história de Kāwéra” é um mito do povo Maraguá que vem trazer várias discursões sobre as crenças indígenas, a crença do povo da floresta que por meio do medo e do horror não desafiam os mistérios da floresta, e os que teimam contra a lei da selva não escapam dos castigos que ela impõe ao homem. A história inicia, com a ida de um homem a caça “pegou sua arma, o remo e a porõnga” (YAMÃ, 2012, p.11), apanhou sua canoa e saiu, este homem era caçador de fama na região, remando em sua canoa chegou até ao lago desejado, esse lago se chamava Kayawé. O nome deste caçador era Yaguajê e era um dos mais destacados entre os indígenas, pertencia ao clã Çukuyê, dos Maraguá.

Ao chegar no lugar esperado, percebeu que que não tinha nada que lhe chamasse atenção, e então pensou em espera que possivelmente alguma caça passaria ali, o homem armou seu mutá, espécie de armadilha para pegar caça, ficou esperando escondido as pacas virem comer, esperou bastante e nenhum sinal de caça, de tanto esperar o homem caiu no sono. Nesta obra é possível perceber diversos elementos do mundo indígena como é o caso da porõnga, e do mutá, utensílios utilizados pelos indígenas. Retomando as peripécias das personagens, o homem então percebe se aproximando algo, mas estava escuro, e com a ajuda da porõnga percebeu uma paca, animado pegou sua arma e quando ia atirar, “sentiu um grande vulto em suas costas, seus cabelos se arrepiaram” (YAMÃ, 2012, p.12).

Neste momento da narrativa os primeiros indícios do medo toma conta do interior da personagem, já que o mesmo está exposto a um ambiente de escuridão que pode ser um dos elementos propiciador do medo, além do próprio espaço, já que se trata de um lugar não habitado e cheio de seres míticos, assim o autor cria uma espécie de atmosfera de horror, que segundo Lovecraft (1978) “O mais importante de tudo é a atmosfera, pois o critério final de autenticidade não é o recorte de uma trama e sim a criação de uma determinada sensação” (p. 5). “Rapidamente deixou de mirar no animal e

virou-se. Mas não viu nada. Pensou por um instante. Sabia da lenda do lugar e dos perigos ao caçar sozinho. Mesmo assim, conteve o medo: não é nada” (YAMÃ, 2012, p.12).

Numa segunda tentativa a personagem se prepara para atirar novamente, mas “sentiu um vulto mais forte. Dessa vez, ele apontou a espingarda para o vulto que vislumbrou sob o luar” (YAMÃ, 2012, p.13). Outro componente que deve ser mencionado é a presença da lua, que para muitas culturas pode ser um elemento gerador de acontecimentos sobrenaturais. Neste momento da narrativa o leitor já começa a sentir sensações de perigo e terror sem que esteja realmente sujeitos a eles, e através das descrições, o receptor começa a adentrar no campo das emoções estéticas. Voltemos à narrativa. Depois desse acontecimento com muito medo o caçador arrumou suas coisas e

“correu desesperado para a canoa e remou mais que depressa para sua casa” (YAMÃ, 2012, p.13).

O imaginário indígena é repleto de simbologias e seres fantásticos como os animais gigantes, entidades protetoras da floresta, em meio a esses inúmeros seres que provocam questionamentos, está o Kāwera, um ser demoníaco, que habita lugares mal assombrados, e que protegem as riquezas da floresta que não podem ser tocadas pelos seres humanos. Depois de passar um tremendo susto, Yguajê descreve todo o acontecido para sua esposa e seus cunhados, que ficaram todos chocados, entretanto queriam se certificar e foram até o lago. Quando se fala em medo nas histórias tem sempre um metido a corajoso, e nesta narrativa era Dizoáp, todos estavam armados com espingardas e cacetes, ao chegar no lago, Dizoáp chamou: “- bicho se você for real apareça agora!” (YAMÃ, 2012, p.13). Então o Kāwera apareceu, e todos ficaram arrepiados com medo daquela criatura aterrorizante, e falou com uma voz monstruosa “- esses animais são meus, ninguém pode mata-los. Se um de vocês voltar aqui eu o devorarei” (YAMÃ, 2012, p.14). As personagens ficam apavorados em ver aquela criatura monstruosa, com medo todos voltaram para a aldeia. Nas histórias de terror, o medo traduz-se em seres e lugares enigmáticos, seres malignos, fantásticos, espíritos, monstros cuja aparência pode ou não refletir a crueldade de seu íntimo. Um dos homens da narrativa não se deu por vencido e resolveu desafiar o bicho “- Quero ver se esse bicho é de palavra. Sozinho, vou para aquele lugar falar com o monstro, e o farei desistir de assustar as pessoas” (YAMÃ, 2012, p.14). Ao ver o monstro o homem o desafia, pois acredita que essas imagens não passa do medo criado por sua imaginação, mais se dá conta que realmente aquilo é verdadeiro, como se observa no trecho: “Não falei que existo? Agora você vai ser um dos meus. O rapaz finalmente reconheceu o poder do bicho. “- Largue-me por favor! Prometo não voltar mais aqui” (YAMÃ, 2012, p.15). O castigo

pela desobediência é colocado como a moral da história, ou seja, o não cumprimento das leis sobrenaturais pode acarretar sérias consequências, a exemplo disso é o destino da personagem que será punida pela lei dos Kãwéras “Ao anoitecer vai começar sua transformação. “Enquanto dormia, o corpo dele ganhou garras, pêlos, um rabo, dentes grandes e afiados, os pés se transformaram em patas e surgiram duas enormes asas em suas costas” (YAMÃ, 2012, p.17). Neste momento de metamorfose é perceptível a presença fantástico descrito por Tzvetan Todorov, o qual define o fantástico como o espaço da dúvida.

Em um mundo que é o nosso, (...) se produz um acontecimento impossível de se explicar pelas leis desse mesmo mundo familiar. Que percebe o acontecimento deve optar para duas soluções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação, e as leis do mundo seguem sendo o que são, ou o acontecimento se produziu realmente, é parte integrante da realidade, e então esta realidade está regida por leis que desconhecemos. (TODOROV, 2008, p. 16)

Diante da metamorfose o homem que já era um Kãwéra, agora tinha a obrigação de cuidar da mata “Até hoje, ele guarda o lugar sagrado como se fosse sua vida. (...) de tempos em tempos podem vê-lo sobrevoando aquele local, que daí em diante, passou a ser chamado de o lugar do Kãwéra” (YAMÃ, 2012, p.17).

A narrativa “História de Kãwéra” traz todos os elementos pertencentes a cultura indígena Maraguá, que por meio da literatura recria personagens que fazem parte dos mitos, crenças e lendas, personagens esses que refletem as emoções mais fortes e mais antiga do homem, o medo.

#### “HISTÓRIA DE MAPINGUARY”

A “História de Mapinguary” faz parte das muitas narrativas orais do povo Maraguá, registradas e eternizadas em livros, a história é recheada de muitas peripécias e uma boa dose de suspense, levando o leitor a ter diversas sensações, dentre elas, o medo, visto que o personagem principal, o Mapinguary que é título da história é um ser sobrenatural que faz parte do imaginário indígena. Vamos à história.

A narrativa inicia com a ida de dois caçadores, que foram para a floresta, e só voltariam quando conseguissem alimento, um dia eles voltaram com fome, pois não tinham caçado nada, ao caminharem avistaram um pedaço de carne pendurado em uma forquilha. Ao iniciar a história o leitor já se depara com um ambiente, onde o medo é comum, a floresta, onde seres insólitos e desconhecidos habitam. Um dos homens comemorou e já queria assar pra satisfazer sua fome, o outro mais velho e conhecedor de

histórias de *visaje*, termo que se usa no Amazonas para caracterizar histórias de assombrações, então o mais velho disse: “-Rapaz não faça isso. Você já ouviu falar em Mapinguary? (...) a carne faz com que morram e se transformem também em Mapinguarys.” (YAMÃ, 2012, p.27). O rapaz não deu atenção ao aviso do amigo, e inventou um desculpa para tudo aquilo, “Isso não é coisa de Mapinguary. Deve ter sido alguma onça que passou por aqui e largou essa carne em cima da forquilha” (YAMÃ, 2012, p.27). Neste período da narrativa é apresentado ao leitor o mito do Mapinguary, demônio que habita as matas amazônicas, que através do diálogo dos caçadores é possível conhecer como esse ser sobrenatural, atrai suas presas. O homem com muita fome assa a carne e convida o outro homem para alimentar-se “- Vamos comer, parceiro. A carne está assada” (YAMÃ, 2012, p.27). O rapaz recusou, pois sabia que aquilo não era boa coisa, o teimoso comeu e se deitou satisfeito, o rapaz acordou por volta da meia-noite e tinha sido derrubado da rede por uma *visaje*. A presença da noite como propiciadora dos medos é visível no conto, já que a meia-noite o homem foi jogado da rede por uma assombração, é neste momento da narrativa que o aviso dado pelo homem que não comeu a carne começa a se cumprir “- Parceiro, hoje você não vai trabalhar? Está sentido alguma coisa? Será que foi a carne que lhe fez mal? Ah parceiro tanto que lhe avisei”. (YAMÃ, 2012, p.29). Com medo resolveu puxar o lençol, tomando um grande susto ao perceber que só havia a cabeça de seu amigo o corpo o Mapinguary tinha levado, ai então a cabeça começou a se metamorfosear em “um corpo enorme, todo peludo, com uma hedionda boca no meio do estômago, que começou a gritar e gemer pavorosamente” (YAMÃ, 2012, p.30). Nos contos fantásticos é comum a presença da metamorfose, um acontecimento improvável, mas que o leitor considera como possível dentro deste ambiente maravilhoso que é o conto, sobre essa questão Todorov (2008) explica:

O maravilhoso implica estar imerso em um mundo cujas leis são totalmente diferentes das nossas; por tal motivo, os acontecimentos sobrenaturais que se produzem não são absolutamente inquietantes. Pelo contrário, na metamorfose se trata de um acontecimento chocante, impossível, mas que, paradoxalmente, termina por ser possível (TODOROV, 2008, p.89).

A presença do narrador em terceira pessoa é uma peça fundamental para a compreensão da narrativa, o que se percebe ainda na fala do narrador é a presença da oralidade, pelo fato dessa narrativas fazerem parte das muitas histórias contadas pelo povo Maraguá. Diante do tremendo medo da metamorfose em bicho demoníaco o amigo saiu correndo pela estrada, e conseguiu chegar numa aldeia e revelou o acontecido. Se reuniram a noite os mais corajosos da aldeia para afugentar o temido monstro, mas o Mapinguary

não apareceu. Depois disso, ao voltarem do roçado viram novamente um pedaço de carne, “- Deve ser armadilha do Mapinguary para pegar um de nós” (YAMÃ, 2012, p.31), um deles não acreditou e comeu a carne, os outros vendo que não acontecia nada também comeram a carne. A desobediência na narrativa acarreta o destino trágicos dos personagens que não acreditam nos conselhos dos mais velhos e começam a desaparecer.

Os elementos assustadores que desencadeiam o medo pode incidir em um ou mais conjuntos da narrativa como: personagem, tempo, espaço ou enredo. Ainda na história, os sobreviventes relataram o acontecido, alguns filhos inconformados coma perda de seus pais, decidiram procurá-los. Reuniram-se e entraram na floresta, cansados de tanto procurar, entraram em um caminho fechado e assustador, quando intuíram, viram uma grande maloca. Passadas muitas horas em meio a escuridão percebem vultos de Mapinguarys deixando-os temerosos. De acordo com Felipe Furtado (1980), por meio de manifestações sobre-humanas, e seres incomuns, ou fatos desconhecidos e ameaçadores é motivado o medo em personagens, narradores ou no leitor, por causa da dúvida, da insegurança, etc.

Quando o dia amanheceu eles adentraram a maloca e esperaram até o anoitecer, e foi que perceberam seus pais chegando, ficaram felizes e ao mesmo tempo tristes, em saber que tinham encontrado seus pais, mas que eles não voltariam, haja vista que agora a missão deles seria proteger a floresta. Um dos filhos não aceitou a ideia, e disse que só voltaria para casa com seu pai. “- Está escurecendo, é hora de irem embora” (YAMÃ, 2012, p.34). E o rapaz insistiu em ficar, e nesse momento com a presença da noite e do luar os pais dos rapazes começam a se metamorfosearem em Mapinguarys, os garotos se esconderam, mas ouve resistência por parte do teimoso “- Não vou me esconder. Ele é meu pai e não vai me comer” (YAMÃ, 2012, p.35). O Mapinguary não reconheceu seu filho e o devorou de forma monstruosa.

Perante a cena de horror que visualizamos neste momento da narrativa, nada mais é do que o *medo artístico*, uma prazerosa *emoção estética*, ou seja, qualquer efeito simbólico produzido por seres ficcionais, em que nós leitores nos deparamos com sentimentos dolorosos perante um risco, sem que permaneçamos sujeitos a eles.

Após o acontecido, os rapazes nunca mais pensaram em procurar seus pais, já que sabiam do novo ofício deles, que seria proteger a floresta contra lenhadores, caçadores, e madeireiros.

O mito do Mapinguary é comum na região amazônica existindo distintas versões, mas que em todas tem como personagem um monstro aterrorizante que assola os caboclos

ribeirinhos que ousam desrespeitar os preceitos do sobrenatural. Esta história e outras são sempre contadas pelos indígenas mais velhos como forma de conscientizar os mais novos sobre os perigos da floresta, e sobre a desobediência do homem diante das leis da floresta, que como nos diz Benjamin (1989, p. 57) “a natureza defende seus direitos”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas narrativas “História de Kãwéra” e “História de Mapinguary”, que fazem partes dos mitos do povo Maraguá, se percebe de forma significativa a temática do medo, que por meio dos seres insólitos protetores da floresta vem causar diversas emoções diante do leitor. Estas narrativas ao mesmo tempo trazem ideologias, que a partir de histórias como essas, o autor tenta de forma lúdica demonstrar a importância do respeito a floresta e aos seres que nela habitam, além disso, é visível a memória do povo Maraguá, que através dos registros dessas histórias mantêm os mitos, as lendas e seus costumes.

Enfim, podemos concluir que a literatura indígena de Yaguarê Yamã apresenta distintos elementos do medo, não podendo ser caracterizada como representação deste gênero, já que o autor vem relata em suas obras a vivência de seu povo. É também nessas narrativas que o imaginário do leitor transporta-o para outras esferas da imaginação, tomado como aprendizado a não desobediência das leis do desconhecido.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do Capitalismo. [Trad. José Martins Barbosa e Hemerson Alves Martins] São Paulo: Brasiliense. 1989.
- LOVECRAFT, H. P. Notas quanto a escrever ficção Tradução de Renato Suttana. Disponível em <http://www.arquivors.com/notas.htm>. Acesso em 16 de maio de 2015.
- LOVECRAFT, Howard P. O horror sobrenatural na literatura. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.
- TODOROV, Tzvetan. Introdução a Literatura Fantástica. Perspectiva. 3ª edição, 2008.
- YAMÃ, Yaguarê. Contos da floresta: 1ª ed. São Paulo: Peirópolis, 2012.